

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

VINÍCIUS BELÉM MARINHO

**DINÂMICA ECONÔMICA DA PEQUENA E INUNDÁVEL CIDADE DE
BARREIRINHA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A REDE URBANA DO
AMAZONAS**

PARINTINS

2019

VINÍCIUS BELÉM MARINHO

**DINÂMICA ECONÔMICA DA PEQUENA E INUNDÁVEL CIDADE DE
BARREIRINHA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A REDE URBANA DO
AMAZONAS**

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Amazonas como Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Prof.^a Dr.^a Tatiana da Rocha Barbosa sendo parte dos requisitos para obtenção do título de licenciado em Geografia.

PARINTINS

2019

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Esmeraldo e Adelaide e à minha
afilhada e sobrinha Mirella Louise.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela proteção e força concedida.

Aos meus pais, Esmeraldo e Adelaide, pela vida, confiança, investimento e, sobretudo, pelo amor incondicional.

Às minhas irmãs, Danielle e Adrielle, pelo amor, ciúme e cuidado.

Aos meus irmãos, Ennio, Daniel, Caio e Pedro, pelo companheirismo e incentivos.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas, cunhados e cunhada.

À Prof.^a Dr.^a Tatiana Barbosa pela orientação e ensinamentos. Também pela persistência, paciência e por acreditar em mim.

À Regiane Cunha pela dedicação irrestrita, parceria e carinho. Por ser minha paz e felicidade.

Ao casal, Brenno e Julianne, pela amizade verdadeira. Grande parte desta conquista só foi possível graças à vocês.

À Casa do Estudante da UEA em especial às senhoras da limpeza e do café.

Aos colegas de curso, pela convivência e compartilhamento de experiências.

RESUMO

O contexto Amazônico apresenta peculiaridades quanto a produção do espaço urbano, bem como na sua dinâmica e nas redes. Desta forma, se levou em conta a importância da análise das redes de fluxos como articuladoras entre os lugares e como sustentáculo da reprodução de muitas cidades da Amazônia. Esta pesquisa justifica-se por ser a tentativa de compreender como se estrutura uma pequena cidade inundável no Amazonas. Os objetivos foram realizar estudo sobre os processos (re) produção que estruturam a economia da cidade de Barreirinha, identificar as relações econômicas de Barreirinha com as comunidades rurais e as cidades de Parintins, Manaus e Boa Vista do Ramos, tendo como produto final o mapa do fluxo de pessoas e mercadorias para e a partir de Barreirinha, bem como verificar a importância da economia barreirinhense para o Amazonas. Realizou-se levantamento bibliográfico com ênfase nos escritos de Roberto Lobato Corrêa, Ana Fani, Henri Lefebvre, José Ademir de Oliveira e Milton Santos acerca das categorias e temas necessários ao desempenho da pesquisa, assim como a análise de dados disponibilizados pelo IBGE. Além disso, foram direcionadas três entrevistas de caráter quali-quantitativa à proprietários de comércios varejistas, de embarcações e passageiros, seguindo as especificidades dos sujeitos. Neste trabalho são revisadas as bases teóricas concernentes aos temas da cidades e do espaço urbano geral e específico da Amazônia. Se apresentam os conceitos de redes e fluxos, além do desenvolvimento da pesquisa em si, mostrando as funcionalidades da área de estudo, o detalhamento dos dados obtidos e das relações entre Barreirinha, outras cidades e o meio rural. Foi identificada a relevância das redes para a reprodução de Barreirinha, assim como a sua consolidação na rede urbana do Amazonas. Igualmente constatou-se que a reprodução social e econômica de Barreirinha está intrinsecamente ligada ao funcionalismo público, aos benefícios dos governos, ao trabalho informal e à produção agrícola familiar e que a relação da cidade com as águas fornece à ela uma dinamicidade urbana própria.

Palavras-chave: Rede urbana, dinâmica espacial, pequena cidade.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Cidade de Barreirinha.....	18
Mapa 2 – Localização dos dois portos e do centro comercial de Barreirinha.....	28
Mapa 3 – Rede de fluxos de pessoas e mercadorias.....	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Porto do Pucú.....	30
Figura 2 – Barcos atracados na frente de Barreirinha.....	31
Figura 3 – Barco vindo de Manaus sendo descarregado na beira do Paraná do Ramos.....	34
Figura 4 – Rua Laureano Tavares. Meados do mês de Junho de 2019.....	43
Figura 5 – Rua BH1 Nilo Pereira inundada. Observa-se a mobilidade através das pontes e os comércios funcionando.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fluxo de passageiros entre Manaus e Barreirinha.....	32
Tabela 2 – Fluxo de mercadorias entre Manaus e Barreirinha.....	33
Tabela 3 – Fluxo de mercadorias e passageiros entre Parintins e Barreirinha.....	34
Tabela 4 – Fluxo de mercadorias e passageiros entre Barreirinha, o Ramos e o Andirá.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Destino dos passageiros de Boa Vista do Ramos.....	37
Gráfico 2 – Cidades fornecedoras de mercadorias.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A PEQUENA E INUNDÁVEL CIDADE DE BARREIRINHA/AM.....	14
1.1 Uma pequena cidade amazônica.....	17
1.2 Cidade de Barreirinha: produção histórica dos aspectos físicos e sociais..	21
1.3 A cidade na várzea.....	23
2. DO PARANÁ DO RAMOS AO FURO DO PUCÚ: FLUXO DE MERCADORIAS E PASSAGEIROS NA CIDADE DE BARREIRINHA.....	28
2.1 As relações entre Barreirinha, Manaus, Parintins e Boa Vista do Ramos...32	
2.2 Entre o rural e o urbano: as relações do interior do município com a cidade de Barreirinha.....	37
2.3 O centro da cidade e a reprodução das relações econômicas.....	40
3. A IMPORTÂNCIA DE BARREIRINHA PARA A REDE URBANA DO AMAZONAS.....	46
3.1 A consolidação de Barreirinha em rede intra e interestadual.....	47
3.2 Dados econômicos como indicadores da importância de Barreirinha.....	49
3.3 A dinâmica das águas e a reprodução de Barreirinha.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	60

INTRODUÇÃO

A produção do espaço urbano é resultado das relações econômicas e sociais realizadas através da circulação de pessoas, mercadorias e informações (LEFEBVRE, 2006). Esta produção acaba por manifestar-se nos modos de vida que convencionam e condicionam as formas das cidades. Além disso, como reflexo e produto final dessas relações, ocorrem a existência de dinâmicas espaciais urbanas diferenciadas sobretudo por seus agentes produtores e suas redes de circulação.

O contexto Amazônico apresenta particularidades quanto a produção do espaço urbano, bem como na sua dinâmica e nos meios em que se concretiza todo esse processo, ou seja, nas redes. Deste modo, os rios são as possibilidades de circulações mais utilizadas nesta região. É a partir deles que se estabelecem relações econômicas e sociais entre outras cidades e o mundo.

Neste caso, a circulação de mercadorias e pessoas é mediada pelos transportes fluviais da Amazônia, os chamados barcos regionais. Assim, nas pontas deste circuito existem os portos que, por suas vezes, são responsáveis pela mediação entre todo o fluxo recebido e a (re) produção do espaço urbano.

Desta forma, a presente pesquisa se desenvolveu levando em conta a importância da análise das redes de fluxos como articuladoras entre os lugares e como sustentáculo da reprodução de muitas cidades da Amazônia. Justifica-se por ser a tentativa de compreender como se estrutura uma pequena cidade inundável no Amazonas.

Para tanto, tomou-se como área de estudo a cidade de Barreirinha, mais especificamente a orla do Paraná do Ramos, o porto do Pucú e o centro comercial. O intento de adotar esses locais juntamente como seus atores parte do pressuposto de que o espaço urbano possui agentes produtores concretos, além de processos e formas resultantes (CORRÊA, 2003).

Os objetivos pretendidos foram realizar estudo sobre os processos de produção e reprodução que estruturam a economia da cidade de Barreirinha, identificar as relações econômicas de Barreirinha com as comunidades rurais e

as cidades de Parintins, Manaus e Boa Vista do Ramos, tendo como produto final o mapeamento do fluxo de pessoas e mercadorias para e a partir da cidade de Barreirinha, bem como verificar a importância da economia barreirinhense para o Estado do Amazonas.

Realizou-se levantamento bibliográfico com ênfase nos escritos de Roberto Lobato Corrêa, Ana Fani, Henri Lefebvre, José Ademir de Oliveira e Milton Santos acerca das categorias e temas necessárias ao desempenho da pesquisa, assim como a consulta de dados oficiais disponibilizados pelo IBGE.

Além disso, foram direcionadas entrevistas de caráter quali-quantitativa à 04 proprietários de comércios varejistas, 05 de embarcações e 08 passageiros, sendo uma entrevista específica para cada um dos três grupos. A escolha deste público partiu de observações prévias e por assim aparentar contribuir mais intensamente para a (re) produção da dinâmica espacial urbana de Barreirinha.

Assim sendo, o trabalho foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, são analisadas as bases teóricas concernentes a temas como a constituição das cidades em geral e do espaço urbano, a classificação das pequenas cidades e caracterização dessas dentro do contexto amazônico. Também é exposto os aspectos físicos e sociais de Barreirinha e as implicações a respeito de sua localização.

No segundo capítulo, se apresentam os conceitos de redes e fluxos, além do desenvolvimento da pesquisa em si, mostrando as funcionalidades da área de estudo, o detalhamento dos dados obtidos com os comércios e embarcações e das relações entre Barreirinha, outras cidades e o meio rural.

Por fim, no terceiro capítulo, foi identificada a relevância das redes para a reprodução de Barreirinha. Também verificou-se mediante às análises de dados da pesquisa e do IBGE a consolidação de Barreirinha na rede urbana do Amazonas e entre outras. Igualmente constatou-se que a relação da cidade com as águas fornece à ela uma dinamicidade urbana própria.

Portanto, considera-se que esta consolidação de Barreirinha na rede pode garantir sua reprodução, mas ao mesmo tempo causa imobilidades para

o desenvolvimento de novas frentes econômicas, assim como negligências frente a setores que já são importantes como a agricultura e pecuária, mas que se encontram sem perspectivas de crescimento.

1. A PEQUENA E INUNDÁVEL CIDADE DE BARREIRINHA/AM

Sendo o homem produto e produtor do espaço ele está envolto ao processo evolutivo contíguo por sua vez refletido no espaço que tende a ser “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2014, p. 63) dos quais incluem-se as cidades, produto das relações humanas.

A cidade tem sua paisagem constituída por prédios, ruas, automóveis, pessoas e sentimentos que permeiam a vida cotidiana. O tempo e o ritmo da cidade são ditados pelo semáforo (CARLOS, 2003) que marca o modo de vida das pessoas distanciando-as do lugar e delas mesmas. Tempo é dinheiro, assim como dinheiro é sinônimo de ter coisas.

De acordo com Carlos (2003), por muito tempo se pensou a cidade como mero ponto no espaço para onde convergiam pessoas e mercadorias denotando a esta as características de aglomeração e concentração. Por isso mesmo a cidade tem sido tratada, dentre outros atributos, como concentração populacional. Mas a cidade e o modo de vida citadino produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e também uma cultura. Sendo assim, a cidade é a materialização do processo de trabalho e sua divisão técnica e social; um modo de vida.

No entanto, existe uma proposta de se pensar a cidade contemporânea. A intenção é analisar através de um olhar que abarque as relações sociais e econômicas constituintes da cidade, tendo em vista que ela “tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida...” (CARLOS, 2003, p. 67) que, por conseguinte, é imposto pelo capitalismo.

Deste modo, a cidade se torna um produto de lutas onde os conflitos de interesses, decorrentes da sociedade dividida em classes, garantem essa produção. Do ponto de vista das relações econômicas, Carlos (2003) diz que a grande produção de mercadorias necessita de um grande número de empregados que, por consequência, pressupõe concentração da população.

Revelando, portanto, que o modo de produção capitalista produz um espaço assim como todo modo de produção.

Do ponto de vista das relações sociais, a produção da cidade também é, e não menos, um produto do ser humano enquanto consumidor de bens produzidos pelo capital e pelo Estado. Na verdade, o ser humano, antes de um mero consumidor, é um cidadão, um agente da produção da cidade.

É neste contexto, que ao se imaginar o espaço de uma cidade surgem certas possibilidades de compreendê-lo e classificá-lo. Mas este espaço acaba por não se restringir apenas as representações da cidade, trazendo então à luz as considerações sobre o espaço urbano.

Pensar o espaço urbano como um conjunto de diferentes usos das terras é oferecer significado para sua própria (re) produção. Assim, a utilização dessas terras define as áreas da cidade em comercial, industrial, residencial e de expansão. É este conjunto complexo que conceitua o espaço urbano. Podemos entender, então, que

o espaço urbano capitalista [...] é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço. [...] A ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classes que dela emergem (CORRÊA, 2003, p. 11).

Mas este espaço é simultaneamente fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. Corrêa (2003) detalha que se torna fragmentado e articulado porque cada uma de suas áreas estabelecem relações entre si variando em suas intensidades. Estas relações se manifestam nos fluxos de pessoas, veículos e mercadorias, mas também no mercado financeiro.

Reflexo e condicionante social pois é a sociedade que o fragmenta e o articula a partir do modo de produção capitalista que o divide, então, em áreas residenciais segregadas revelando a complexa estrutura social em classes. O condicionamento social se dá através da forma como as construções humanas estão dispostas no espaço gerando um modo de vida. Um conjunto de

símbolos pois envolvem as crenças, valores, culturas e costumes que por sua vez são projetados em monumentos, praças e ruas.

Para Castells, o urbano é definido como o lugar da força de produção, já Lefebvre compreende que a realidade urbana ocorre não apenas desse modo, pois as relações existentes entre as forças de trabalho são fundamentais para a construção desse espaço ou realidade urbana, englobando o político, o ideológico e principalmente o cultural. A produção do espaço urbano na concepção de Lefebvre, é de que

a “realidade” do espaço como substância natural e sua “irrealidade” como transparência, se dissolvem simultaneamente. O espaço aparece como “realidade” enquanto meio da acumulação, do crescimento, da mercadoria, do dinheiro, do capital. [...] as relações sociais de produção têm uma existência social contando que tenham uma existência espacial; elas se projetam em um espaço, elas se inscrevem nele, produzindo-o (2006, p. 185 – 186).

Assim, para Lefebvre (2006), o espaço urbano é produto, meio e condição social, onde as relações econômicas também estão inseridas, mas não são os únicos fatores formadores desse espaço, pois, embora complexas, essas relações são primordiais para a construção desse espaço.

Cabe considerar ainda que o espaço urbano independe da rigorosidade temporal e dos lugares, uma vez que ele sempre se encontra sobre a ótica ininterrupta do modo de produção capitalista. Assim, esta reprodução se concretiza no dia-a-dia das pessoas e surge como forma de ocupação ou utilização de determinado lugar, num determinado momento histórico.

Estas apresentações nos remetem a outra discussão indispensável aos trabalhos que trazem em seus cerne a temática das cidades. Estamos falando do momento em que conhecemos as localizações das cidades em seus determinados lugares do planeta e, a partir destes, busca-se entender as particularidades de cada cidade e suas relações com o mundo, bem como suas características e classificações em pequenas, médias e grandes.

1.1 Uma pequena cidade amazônica

De maneira generalizante, as pequenas cidades apresentam como forma pejorativa a incapacidade da oferta de melhores condições de vida para a reprodução social (GOMES, 2009). Talvez por isso há uma quantificação dos atributos conferidos às cidades ao longo do tempo, situação que desenrolou algumas discussões sobre o maneira de classificá-las. Gomes (2009) descreve a fórmula e avalia que

nos estudos sobre pequenas cidades do Brasil, há uma tendência em classificá-las tomando como critério de referência o aspecto quantitativo populacional, ou seja, o número de população de uma cidade que permite determiná-la como pequena (ou não). Deste modo o mais comum é se atribuir à adjetivação de pequena cidade àquelas cuja população não ultrapassa a 20 mil habitantes, embora alguns estudiosos já o tenham feito tendo por referência o valor numérico de apenas 10 mil habitantes (p. 129).

No entanto, por esta definição entende-se como uma concepção simplificadora porque contempla somente a dimensão populacional, embora considere-se a quantificação fator significativo. Para tanto, Soares (2009) nos remete que Alegre advertiu para o fato de

[...] que não se pode usar sem perigos de graves erros uma definição baseada apenas num critério numérico. [...], a cidade moderna compreende atividades as mais diversas e cada qual corresponde a certas funções e necessidades, refletindo formas de organização econômica e social, que um simples número não poderá definir. [...]. É possível encontrar-se aglomerações com bom equipamento e atividades características urbanas da maioria dos moradores, sem, todavia possuir 10 mil habitantes (p. 121).

Sendo assim, nos asseguramos que o fator quantitativo para classificação de cidades pequenas se esvai frente a outros modos de categorização. Para isso, Santos (1979) colabora com sobre o que ele passa chamar de “cidades locais” afirmando que

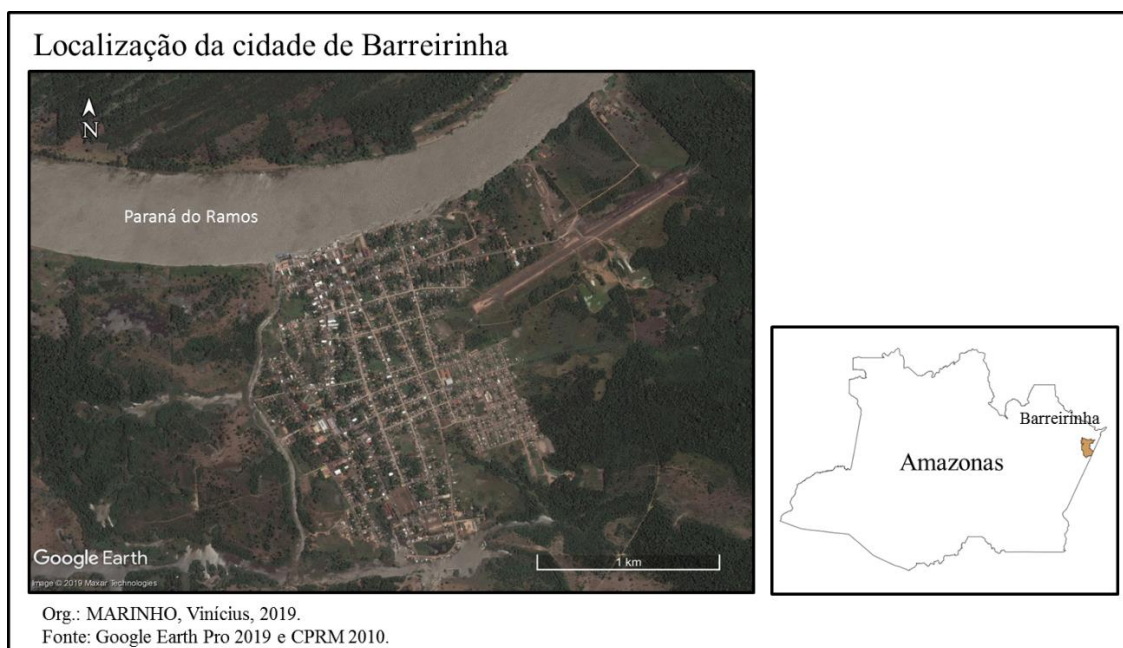
poderíamos definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações [...]. Para que exista uma cidade deve haver

necessidades que exijam ser satisfeitas regularmente, necessidades quase sempre impostas de fora da comunidade – mas é necessário, por outro lado, que exista criação de atividades regulares especialmente destinadas a responder a essas necessidades (p. 71).

Portanto, a “cidade local” de Santos tem a capacidade de polarizar e dominar território, ao mesmo tempo em que pode ter crescimento autossustentado. No entanto, são lugares que possuem estruturas qualitativas mínimas que atendem determinada população. A partir desta perspectiva, podemos pensar em pequenas cidades como centros que possuem autonomia para a manutenção de si mesma, mas também se destacam pela influência que exercem sobre determinado território.

É neste contexto que se estabelece Barreirinha (mapa 1), contudo, é importante que haja este esclarecimento sobre a classificação na categoria acima discutida e conceituada, tendo em vista que as suas particularidades econômicas e sociais convergem para esta sua classe aqui atribuída. Sendo assim, Barreirinha revela-se como uma pequena cidade do interior do Estado Amazonas. Mas é justamente sua localização que nos remete a outro viés para se discutir cidades e, mais intimamente, esta área de estudo.

Mapa 1 – Cidade de Barreirinha



Abordar as pequenas cidades da Amazônia é ter por imediato discernimento das dicotomias que estes pequenos aglomerados detêm frente aos de outros lugares do globo ou mesmo do território brasileiro. Deste modo, Oliveira (2004) nos esclarece que há uma necessidade em se falar das pequenas cidades da Amazônia, não porque exercem papel importante na economia ou na política, mas por possuírem modos de vida próprios que vão diferenciá-las do padrão das cidades grandes e médias, donas do status “urbanizadas”.

Para além destas diferenciações, podemos imaginar esses modos de vida e localizações sendo parâmetros para distinções entre as próprias cidades a partir de escala intrarregional. É o caso das pequenas cidades da Amazônia que estão geralmente localizadas na beira do rio ou na beira da estrada e sua localização permite diferenciações entre si principalmente nos quesitos economia e cultura.

Segundo Oliveira (2004), as cidades da beira de estrada foram rapidamente modificadas – e talvez já surgiram assim – pelos fluxos econômicos geralmente ligados à extração mineral e de madeira e da plantação de soja. Há um novo ritmo da vida, uma nova cultura, novos costumes. Nas cidades da beira do rio há uma profunda marca deixada pela colonização portuguesa e, por isso, Oliveira assume que estas necessitam de estudos geográficos mais apurados.

No entanto, Oliveira (2004) revela que o principal critério para se classificar uma pequena cidade é o demográfico, porém a Amazônia, por suas especificidades, requer alguns exclusivos:

- 1) Baixa articulação com as cidades ao entorno;
- 2) Atividades econômicas quase nulas com o predomínio de trabalho ligado aos serviços públicos;
- 3) Baixa capacidade de oferecimentos de serviços, mesmo os básicos ligados à saúde, à educação e à segurança;
- 4) Predominância de atividades caracterizadas como rural (p. 2 – 3).

Porém, o que se observa com as estatísticas populacionais pretéritas e atuais exploradas por Oliveira (2004) sobre as cidades pequenas da Amazônia, é que houve revigoração de seus núcleos urbanos. Com o incentivo de

integração do território, que possibilitou a circulação de pessoas e mercadorias, se perderam fluxos importantes e surgiram novos. No entanto, assim como se perdem fluxos econômicos, como o do pescado, mantêm-se e expandem-se fluxos de serviços. A cidade continua oferecendo serviços básicos, mesmo que precários, às comunidades ao redor.

Entretanto, Oliveira (2004) critica acerca das injeções de industrializados e tecnologias nessas cidades amazônicas e os planos de integração impostos que se revelam uma ameaça, pois tudo o que a dinâmica de acumulação do capital planeja e impõe é voltada para uma lógica mundialista.

Porém, as pequenas cidades da Amazônia estão inseridas num mundo próprio, o amazônico. É nesta situação que se revela a contradição dessas pequenas cidades, seja decorrente de um movimento involuntário ou não. Oliveira (2004) diz que, ainda com a cultura e o modo de vida ameaçados, as pequenas cidades amazônicas são articuladas às relações pretéritas e, ao mesmo tempo, articuladas às dinamicidades da atualidade.

Essas relações pretéritas são caracterizadas pela inércia que, por sua vez, é trajada pelos tempos lentos impostos historicamente na Amazônia e que ainda assim preservam culturas, mas também convive com a dinamicidade dos tempos rápidos ditados pela ordem global que caracterizam a inserção da Amazônia no mundo. Oliveira explica que:

o espaço urbano que se produz num lugar qualquer da Amazônia, não é único, ele está contido e contém uma totalidade [...] Todavia, há especificidades decorrentes da história do lugar, da capacidade de resistência e da forma não equânime de como as inovações atingem o lugar e de como as pessoas se relacionam com o novo (2000, p. 3).

A ideia é ratificar este pensamento a partir do pressuposto de que todos esses aspectos, mediados pelos usos e costumes da população amazônica, bem como a configuração própria de suas cidades, determinam a forma de produção do espaço que mantêm-se enraizado no mundo amazônico, mas que paralelamente está articulado com o nacional e o global. Isto nos remete a noção de totalidade e individualidade dos lugares que Santos (2014) apresenta como

a noção do todo, que é uma integral, em suas partes – que são as suas diferenciais, dá-se, também, por uma distribuição ordenada, nos espaços, dos impactos do todo [...]. As ações não se localizam de forma cega. Os homens também não [...]. É esse o próprio princípio da diferenciação entre lugares, produzindo combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular (p. 125).

Há uma intencionalidade por parte da totalidade na criação dos lugares, ordenada puramente pela lógica capitalista. Mas Santos (2014, p. 125) conclui que “assim, os lugares reproduzem o País e o Mundo, segundo uma ordem. É essa ordem unitária que cria a diversidade, pois as determinações do todo se dão de forma diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar.”

Estas atribuições inerentes a configuração das cidades e a produção do espaço urbano em contextos abrangentes, nos fornecem bases para iniciarmos o entendimento da pesquisa.

1.2 Cidade de Barreirinha: produção histórica dos aspectos físicos e sociais

Ana Fani em suas contribuições epistemológicas, diz que é essencial que se faça uma análise a partir da perspectiva histórica que se tem das formações das cidades. Existem condições históricas específicas que explicam o surgimento das cidades e suas diferenciações espaciais, pois

essa dimensão histórica é fundamental para a compreensão da natureza da cidade. [...] A cidade tem uma história. A cidade é uma realização humana, uma criação que vai se constituindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas (CARLOS, 2003, p. 57).

Assim, as cidades são produtos do trabalho humano, resultados de processos históricos que ganham materialização real, diferenciando-as entre si por suas determinações históricas específicas. Portanto, podemos pensar que o nascimento de uma cidade parte da necessidade de sobrevivência de um

grupo humano mediado pelo modo de produção econômica e de incorporação de áreas que estão agora sob sua influência.

No entanto, este apontamento torna-se tão abrangente ao ponto de escamotear as particularidades responsáveis pelos surgimentos das cidade. Quanto a isso, Santos (2014, p. 125) elucida que “[...] as “condições”, as “circunstâncias”, o meio histórico, que é também meio geográfico, devem paralelamente ser considerados, pois “não podem ser reduzidos à lógica universal”. É neste contexto que apresentamos os processos de produção histórico-geográfica da área de estudo.

Barreirinha é uma cidade amazonense situada a Leste do Estado do Amazonas, na margem direita do Paraná do Ramos. De acordo com IBGE (2017), Barreirinha surgiu em meados de 1830 através da Missão do Andirá criada pelo capuchinho Pedro de Cariana. Localizada inicialmente onde hoje se encontra o distrito de Freguesia do Andirá, o povoado foi transferido em 1873 para o local atual, na margem direita do Paraná do Ramos. Em 1881 é levada à categoria de vila, desmembrando-se de Parintins. Em 1892, é criado o Termo Judiciário do Município.

Nos tempos que se seguiram à sua criação, a economia do município de Barreirinha atingiu franca expansão, devido, sobretudo, à exportação de produtos regionais tais como a castanha, guaraná, borracha, cacau, pirarucu, cumaru e madeira. Em consequência disto, recebeu Menção Honrosa na Exposição Universal de Bruxelas, em 1910, e participou da Exposição Internacional da Indústria de Lavoura, em Turim, na Itália, em 1911, onde recebeu medalha de bronze.

Em 1922, entretanto, o município sofreu grande prejuízo em sua economia quando a enchente dos rios que banham suas terras devastou cerca de 80% da sua lavoura cacaueira, uma das principais daquela época. Devido ao fato, em 1931 é extinto o Município de Barreirinha, que volta a fazer parte de Parintins. Tendo sua recuperação, em 1935, ressurge o Município de Barreirinha. No entanto, nos anos de 1953 e 2009 Barreirinha é novamente inundada pelas águas do Paraná do Ramos.

Ainda de acordo com as informações disponibilizadas pelo IBGE (2017), tem-se os dados de que a população do município em 2010 era de 27.355, sendo estimada para o ano de 2018 31.593 habitantes dos quais em 2015 possuíam salário médio mensal de 1,8 salários mínimos, estando em 4,1 % a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total e na comparação com os outros municípios do Estado do Amazonas ocupava as posições 13 de 62 e 38 de 62, respectivamente.

Tentar apreender as motivações que têm permitido a reprodução de Barreirinha no interior do Amazonas, por 138 anos, com indicadores socioeconômicos tão diminutos e um processo de produção histórico veementemente ligado à dinâmica das águas é uma tarefa que requer buscas em estudos que apontem para a inserção de Barreirinha em alguma categoria de cidades, bem como as especificidades decorrentes de sua localização.

A partir do exposto, para além das singularidades de se investigar a movimentação econômica da cidade de Barreirinha, as relações com outras cidades e sua contribuição para o Estado do Amazonas, idealizamos, portanto, a importância da necessidade de nos atermos a ponderar sobre os aspectos físicos que a cidade concebeu por sua localização atual.

1.3 A cidade na várzea

A cidade de Barreirinha, dentre suas muitas peculiaridades, possui diferencial a respeito da configuração e reprodução dessa tipologia de cidades amazônicas. Trata-se primeiramente e intrinsecamente de sua localização. De acordo com o IBGE (2017), o antigo distrito de Nossa Senhora do Bom Socorro de Andirá, pertencente ao município de Parintins, se localizava na margem direita do Rio Andirá, onde atualmente se encontra o Distrito de Freguesia (Município de Barreirinha). No entanto, a partir do ano de 1873 ocorreu a mudança deste núcleo, que deu origem a cidade de Barreirinha, para sua atual localização.

A inexistência de registros históricos palpáveis impossibilita indicar os motivos que levaram a transferência da sede daquele distrito do Rio Andirá para o Paraná do Ramos. Entretanto, algumas hipóteses de domínio público apontam para a ideia de que, a localização daquele primeiro núcleo urbano no Rio Andirá era um empecilho para o avanço econômico.

Isso poderia ter ocorrido porque o acesso ao Rio Andirá demandava mais tempo, já que este rio está fora da calha do Rio Amazonas, dificultando a mobilidade entre outras cidades, em específico com a capital Manaus. Assim, o local escolhido, que atendia a possibilidade de maior acesso à calha do rio principal e posterior inserção na rede urbana do Amazonas é o atual, onde se localiza a cidade de Barreirinha.

Outra presunção estaria ligada as cores dos rios, sendo que o Rio Andirá possui água clara, ao contrário do Paraná do Ramos que apresenta a água branca. Segundo Souza e Almeida (2010),

nas margens do rio Amazonas e de seus afluentes de água branca existem inúmeros povoados, denominados de comunidades. Nas margens dos rios de água clara e preta a incidência de povoados é menor, por serem rios que não fornecem alimentos aos moradores. [...], as pessoas costumam habitar mais nas margens dos rios de água branca, ou seja, nas várzeas por oferecerem mais alimento, como o peixe e facilitarem a produção agrícola de ciclo rápido como também a criação de animais (p. 4).

Por esta razão, a localização de Barreirinha nos desperta interesse pela sua fundação dentro do domínio da Planície do Rio Amazonas, de acordo com a classificação de Ross (2003). Imediatamente, uma das características desta planície é sua altimetria que varia entre 100 a 200 metros a partir do nível do mar.

Particularmente a Planície do Rio Amazonas é composta por dois espaços distintos: áreas de terra firme e várzea. A terra firme compreende a maior parte da Amazônia, são terras relativamente altas e ficam livres de inundações decorrentes da subida dos rios. Já as terras extremamente baixas, Prance (1980) as chama de várzea e à elas:

[...] usualmente, se aplica aos terrenos periodicamente inundáveis pelos rios da Amazônia. [...]Este é o mais comum de todos os tipos de mata inundável na Amazônia, e existe, ao longo de todos os principais rios de água branca, muitas vezes, estendendo-se por vários quilômetros da margem do rio (p. 495 – 498).

Este ambiente correspondente às planícies baixas e inundáveis evidencia um modo particular de (re) produção social e econômica por ser a região na qual a dinâmica das águas se dá de forma acentuada. Sendo assim,

os ambientes de várzea se caracterizam por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios, que regulam os ciclos de vida da biota local e conseqüentemente regulam as oportunidades de subsistência disponíveis para as populações humanas. Assim como o demais componentes da biota das áreas inundáveis, as populações humanas locais precisam adotar estratégias de adaptação em relação às mudanças drásticas ocorridas na passagem entre as fases aquáticas e terrestres (PEREIRA, 2007, p. 16).

Desta forma, trazer à luz estes conceitos que integram a parte mais física da ciência geográfica significa abrir um viés para se entender como se reproduz uma economia dinamizada pelas águas intermitentes. No entanto, não queremos incorrer no erro de negar que as relações sociais e econômicas tecidas em Barreirinha estão livres da força das águas do Paraná do Ramos. Por isso, é importante destacar que tanto o período da vazante como da enchente afeta a vida da população da cidade indiretamente e/ou diretamente. Porém, Souza e Almeida (2010) despertam para este ciclo, defendendo que

além dessa situação de perdas o caboclo ribeirinho não se sentiu vencido, mas um resistente, porque está sempre pronto a enfrentar a sazonalidade do rio Amazonas (enchente e vazante). Assim sendo, estes amazônidas estão sempre iniciando o seu viver e o seu morar, [...]. Logo, para eles é um eterno recomeço de tudo; até a próxima cheia ou a próxima grande vazante (p. 8).

A ideia implícita diz majoritariamente a respeito da dinâmica que a cidade de Barreirinha possui quando as águas inundam 90% de sua área – caso da enchente de 2009 –, pois a população agregou suas formas de

sobrevivência com a reprodução da cidade, ações que estão sujeitas a serem entendidas como dois movimentos intrínsecos.

A população acaba por obter papel principal na reprodução da cidade de Barreirinha no momento em que decide permanecer durante a enchente. Para tanto, Ribeiro e Carneiro (2016) esclarecem que

a fase da enchente ocorre nos meses de fevereiro a junho. Este período compreende uma fase de grande impacto [...], pois, a alternância de fases terrestres e aquáticas é um fator limitante para a vida nos ambientes das várzeas. Tendo o rio invadido suas residências, tendem a migrar para [...] áreas de terras firme. Mas, não são todos, muitos preferem permanecer em suas casas e para isso têm que construir pontes suspensas dentro de casa [...] (p. 117).

Carlos (2004) também contribui na confirmação deste desempenho importante da população para a reprodução de Barreirinha, quando menciona que

a materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. [...] neste contexto a reprodução continuada da cidade se realiza enquanto aspecto fundamental da reprodução ininterrupta da vida (p. 19).

Assim, o modo de vida das pessoas na cidade de Barreirinha obedece ao ritmo das águas. Para Fraxe (2004) o povo amazônico caracteriza-se por ser detentor de um *ethos anfíbio*¹, uma vez que no decorrer do ano convive-se com estas variações entre as fases aquática e terrestre, adaptando-se às maneiras peculiares. Por isso, o cotidiano das populações ribeirinhas está ligado as águas, pois se estabelecem na beira dos rios em total interação com o ambiente.

Portanto, traçar uma trajetória que abarque desde as primeiras percepções que se pode ter de Barreirinha perpassando pelas indispensáveis categorizações já feitas, é possível então atribuí-la a designação de pequena cidade. Contudo, é no universo amazônico que nos depararmos com um

¹ A reprodução da vida para este povo é específica pois é onde terra e água se complementam, buscando sempre o equilíbrio (FRAXE, 2004).

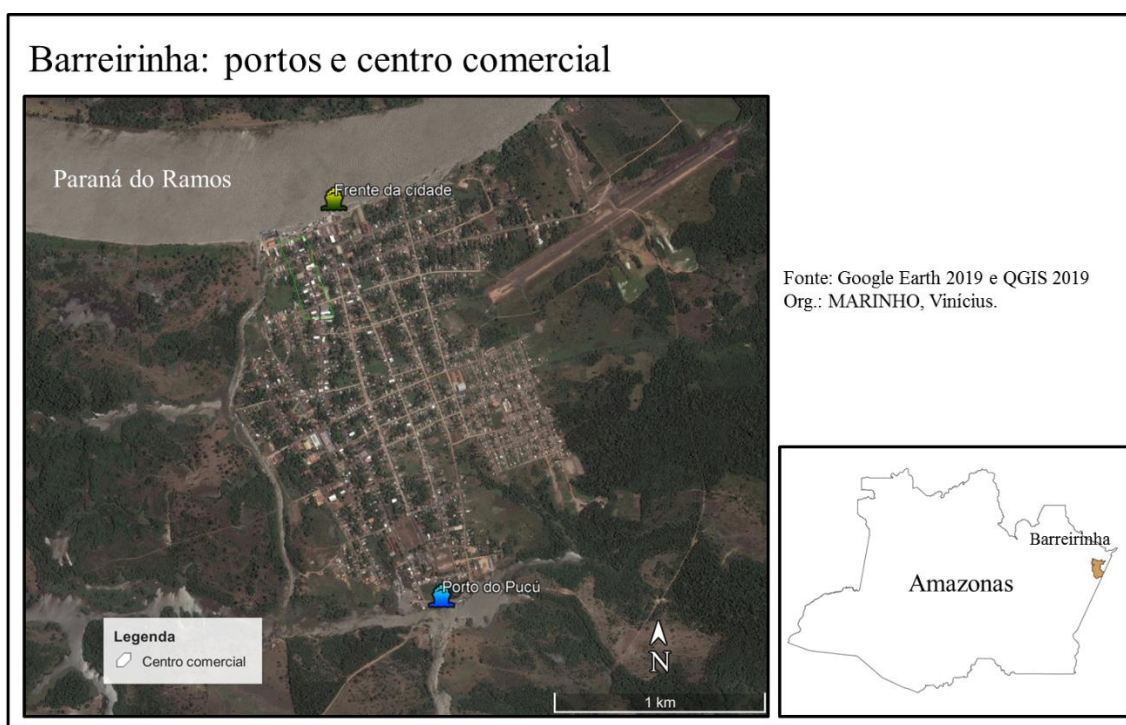
núcleo urbano fixado no ambiente da várzea e então podemos justificar Barreirinha como uma pequena cidade inundável.

São estas propriedades que apontam para a reprodução de uma cidade inundável dentro do contexto amazônico. O fato é que existe uma dinâmica econômica e social fundada sobre a várzea que permite o funcionamento de Barreirinha para a garantia do seu domínio territorial e, para além, na sua inclusão na rede urbana do Amazonas e na lógica capitalista global. A dinâmica de Barreirinha não se encerra com a subida das águas. Ao contrário, a cidade detém novas configurações.

2. DO PARANÁ DO RAMOS AO FURO DO PUCÚ: FLUXO DE MERCADORIAS E PASSAGEIROS NA CIDADE DE BARREIRINHA

A partir de lugares como a orla da cidade, o centro comercial e o porto do Pucú, se torna possível identificar, mesmo que por um olhar de relance, algumas das atividades econômicas que movimentam a cidade de Barreirinha e que possivelmente caracterizam e integram sua dinâmica socioeconômica urbana aparente.

Mapa 2 – Localização dos dois portos e do centro comercial de Barreirinha.



Por isso, utilizamos essas três localidades para análise (mapa 2), pois é a partir delas e para com elas que se estabelecem as relações econômicas que criam redes entre a cidade de Barreirinha e as comunidades rurais/distritos deste município, além de outras cidades como Parintins, Boa Vista do Ramos e Manaus.

Para Santos (2014), o sentido de rede se enquadra em duas grandes matrizes: a que leva em consideração o dado social e a que se preocupa com a realidade material. Esta última, em definição formal, diz respeito a

toda uma infraestrutura, permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre um território onde se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação (SANTOS, 2014, p. 262).

Mas a noção de rede acaba sendo infiltrada pelo rio, uma vez que as cidades da Amazônia predominantemente se utilizam dos cursos d'água para se estabelecerem. Deste modo, Lima (2008) afirma que os rios da Amazônia representam a possibilidade do ir e vir e que é a partir deles que se constituem as conexões entre as cidades e o mundo.

De qualquer maneira, para que se mantenham as redes construídas entre cidades é indispensável a existência de fluxos que para Lefebvre (2006), podem ser entendidos mediante as correspondências de energia, mão-de-obra, mercadorias e de capitais, além de possuírem velocidade e intensidade específicas.

No contexto amazônico, a predominância das redes estabelecidas por meio dos rios indica que esses fluxos são realizados através dos transportes fluviais. Por este motivo, a primeira parte da pesquisa de campo constituiu-se no levantamento de dados obtidos a partir de entrevistas realizadas com cinco (5) proprietários de embarcações que fazem uso tanto do porto do Pucú quanto da orla no Paraná do Ramos.

Há necessidade de se elucidar a respeito do nível de importância que esses dois portos possuem entre si e para a reprodução de Barreirinha. Primeiro porque a localização de cada um revela as particularidades de seus fluxos. Segundo porque as ações reprodutoras oferecem a esses fixos diferenciações na apropriação de seus espaços.

O porto do Pucú (figura 1), localiza-se na zona sul da cidade as margens do furo que possui o mesmo nome. Recebe de 05 (cinco) a 10 (dez) embarcações por dia e é responsável por interceder os fluxos de mercadorias e pessoas entre a cidade de Barreirinha e as comunidades e distritos pertencentes à calha do rio Andirá.

Figura 1 – Porto do Pucú.



Fonte: pesquisa de campo, junho de 2019.

O porto do Paraná do Ramos (figura 2) encontra-se no que se convencionou chamar por seus habitantes de frente da cidade, ou geograficamente, zona norte. Foi a partir dele que se iniciou o processo de produção e expansão da cidade. Esta frente toda é um porto só, apesar de existir o terminal portuário que no momento da pesquisa não estava sendo utilizado pelos donos de embarcações que alegaram o alto custo dos impostos necessários para a utilização.

A partir das pesquisas de campo, foi possível identificar que o porto do Paraná do Ramos recebe aproximadamente 10 (dez) embarcações todos os dias provenientes tanto das comunidades e distritos do município como das cidades de Parintins e de Manaus.

Figura 2 – Barcos atracados na frente de Barreirinha.



Fonte: pesquisa de campo, junho de 2019.

A apropriação desses portos é diferenciada justamente pela origem de seus atores. São receptores e emissores, ao mesmo tempo, de fluxos diferentes. No entanto, essas duas ações possuem a cidade em si como ponto de encontro e produto das atividades.

Neste sentido, de acordo com Santos (2014), a noção de verticalidade pressupõe a solidariedade entre os lugares “obtida através da circulação, do intercâmbio e do controle” (p. 284), como no caso das relações interurbanas e rural/urbano encontradas em Barreirinha. Deste modo, comparar o grau de utilização desses portos e classificar um como mais importante que o outro seria incorrer ao erro.

Contudo, é a partir deles que se estabelecem as relações entre Barreirinha, outras cidades e as comunidades da área rural. Como mediadoras dessas relações estão as embarcações, descrita por David (2010) como transporte fluvial intermunicipal de passageiros e mercadorias, ou apenas barco regional.

2.1 As relações entre Barreirinha, Manaus, Parintins e Boa Vista do Ramos

Das cinco embarcações consultadas, duas delas realizam suas viagens para a capital Manaus uma vez na semana e têm como porto o Paraná do Ramos. O fluxo de pessoas, em números, possui média de 10 a 20 passageiros por viagem, porém, este número pode dobrar ao final de cada mês intensificando-se ainda mais em Novembro, Dezembro e Janeiro. A utilização dessas duas embarcações pelos passageiros, que possuem finalidades em comum, como mostra a tabela 1.

Tabela 1 – Fluxo de passageiros entre Manaus e Barreirinha.

	Barco 1	Barco 2
Destino	Manaus	Manaus
Média de passageiros	10 por viagem	15 a 20 por viagem
Motivos que trazem esses passageiros	Estão retornando à Barreirinha após utilizarem serviços de outra cidade	Estão retornando à Barreirinha após utilizarem serviços de outra cidade

Fonte: pesquisa de campo (2019).
Org.: MARINHO, Vinícius, 2019.

Além de pessoas, essas embarcações realizam também o transporte de mercadorias. Alguns produtos descritos pelos entrevistados foram agrupados da seguinte forma: cereais (arroz e feijão); frios e congelados (frango, calabresa e salsicha). De acordo com a tabela 2, nota-se que esse abastecimento tem média de 900 a 1500 volumes (caixas ou sacas) por embarcação. No entanto, tais produtos foram certamente indicados pela quantidade que chegam, assim, produtos que saem da cidade por esses barcos não possuem intensidade e expressividade na quantidade e por isso não foram citados.

Tabela 2 – Fluxo de mercadorias entre Manaus e Barreirinha.

	Barco 1	Barco 2
Média de mercadorias	900 a 1500 volumes no retorno à barreirinha	1000 a 1200 volumes no retorno à barreirinha
Produtos que mais chegam	Bebidas, descartáveis, trigo, cereais, café, açúcar.	Bebidas, frios e congelados, cereais.
Produtos que mais saem	Nenhum produto sai em grande quantidade	Nenhum produto sai em grande quantidade

Fonte: pesquisa de campo (2019).
Org.: MARINHO, Vinícius, 2019.

Esse fluxo de pessoas e mercadorias e suas variações de intensidade denotam que a relação entre Barreirinha e Manaus é intensa e já difere das relações com outras cidades como Parintins e Boa Vista do Ramos. Isso ocorre majoritariamente pela polarização que Manaus, como centro de irradiação de mercadorias e serviços, exerce sobre as demais cidade do Amazonas.

Os dados obtidos também apontam para a influência que os comércios atacadista e principalmente o varejista cumprem frente a movimentação econômica de Barreirinha, uma vez que os fluxos de mercadorias advindos de Manaus têm como destino os grandes comércios da cidade.

Figura 3 – Barco vindo de Manaus sendo descarregado na beira do Paraná do Ramos.



Fonte: pesquisa de campo, junho de 2019.

As relações econômicas e sociais que Barreirinha possui com a cidade de Parintins são expressas em números. De acordo com a tabela 3, a embarcação 3 que realiza duas viagens por semana transporta em média de 10 a 20 passageiros.

Tabela 3 – Fluxo de mercadorias e passageiros entre Parintins e Barreirinha.

	Barco 3
Destino	Parintins
Média de passageiros	10 a 20 por viagem
Motivos que trazem esses passageiros	Estão retornando à Barreirinha após utilizarem serviços de outra cidade
Produtos que mais chegam	Bebidas, frutas e verduras, ovos.
Produtos que mais saem da cidade	Nenhum produto sai em grande quantidade

Fonte: pesquisa de campo (2019).

Org.: MARINHO, Vinícius, 2019.

Este fluxo de pessoas se deve pela procura de serviços como de saúde, bancário e, principalmente pelo de educação. A cidade de Parintins dispõe de uma variedade de laboratórios de exames e clínicas médicas, além da maior facilidade do acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS), enquanto Barreirinha possui apenas 01 (uma) clínica médica particular, 01 (um) hospital e 02 (duas) Unidades Básicas de Saúde.

A procura dos serviços bancários ocorre também pela necessidade de variabilidade de agências. Assim, enquanto Barreirinha tem 01 (uma) agência do Bradesco, 01 (uma) casa lotérica e 01 (uma) agência dos Correios que atende à algumas funções do Banco do Brasil, Parintins além destas, possui 01 (uma) agência do Itaú, Banco do Brasil e Banco da Amazônia.

Em se tratando de educação, Parintins abriga 01 (um) Instituto Técnico Federal, 02 (duas) universidades públicas e 02 (duas) faculdades privadas o que induz a busca por formação profissional dos barreirinhenses nesta cidade, tendo em vista que Barreirinha não dispõe de núcleos ou instituições que ofereçam a modalidade de ensino superior.

Esta movimentação de passageiros é bem mais intensa entre Parintins do que com Manaus que também atrai estudantes. No entanto, há uma frota de 6 (seis) lanchas com capacidade de 15 a 20 passageiros cada que perfazem o trajeto Barreirinha – Parintins – Barreirinha todos os dias.

Podemos agregar essa intensidade ao fator distância e custo, sendo medida 420 km a distância por via fluvial entre Manaus e Barreirinha. Esta viagem dura em média 30 horas de barco custando de R\$ 100,00 a R\$ 130,00. O que diferencia da distância entre Parintins e Barreirinha que equivale aproximadamente a 50 km também por via fluvial. Já este trajeto dura 01 (uma) hora de lancha, obtendo o valor médio da passagem em R\$ 40,00.

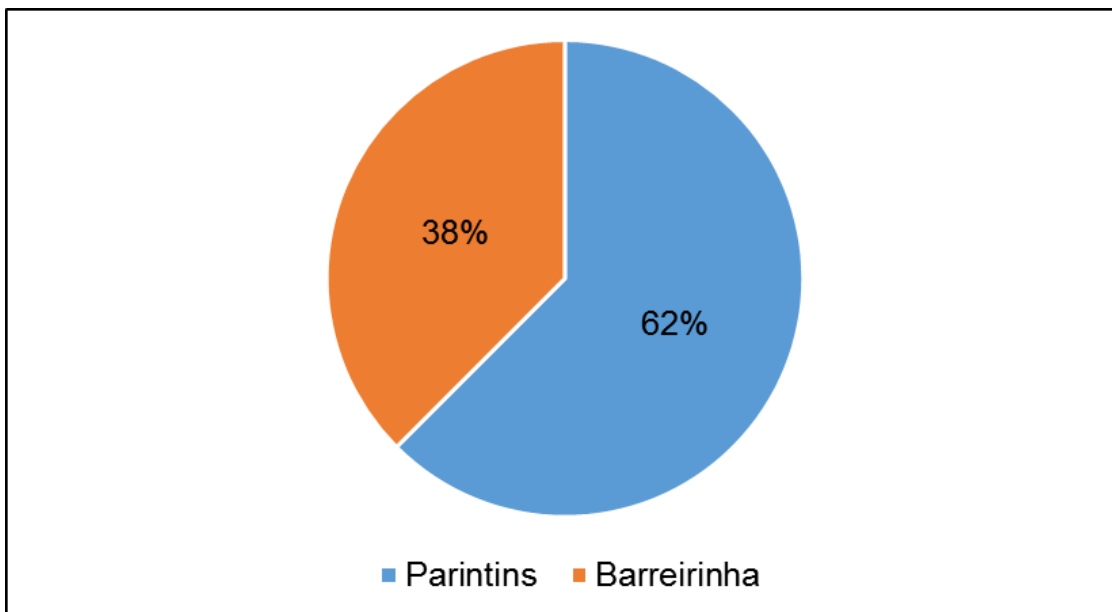
Assim, tais fatores possibilitam essa intensa mobilidade que, de acordo com Balbim (2016), podemos considerá-la como um movimento externo e cíclico, uma vez que pressupõe deslocamento exterior ao espaço da vida e breve retorno a este, portanto sazonal.

O barco 3 também realiza o transporte de mercadorias. Ainda de acordo com a tabela 3 podemos destacar o abastecimento principalmente de bebidas, frutas e verduras (batata, repolho, tomate, cenoura, etc.) e ovos. Entretanto, a pesquisa revelou que as frutas, verduras e ovos são provenientes da cidade de Santarém no Estado do Pará. Na verdade, esses produtos são imediatamente transferidos da embarcação paraense para o barco que os trazem até Barreirinha.

Este fato manifesta a existência de relações econômicas tecidas em uma rede que ultrapassa as fronteiras estaduais. Para isso, Castro (2008) salienta a importância de Santarém como o principal centro econômico e urbano do Médio Rio Amazonas desde o período colonial e, atualmente, pelas rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém.

Mesmo com esta relação Santarém – Parintins – Barreirinha realizada apenas na área portuária de Parintins, revela-se a importante função de nó exercida por esta cidade. Logo, entendemos que “os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência” (DIAS, 1995, p. 147-148). Por isso, Schor (2013) classifica Parintins como cidade média com dinâmica econômica externa, mas com responsabilidade territorial, pois a sua “importância vai além da sua dinâmica econômica, elas de fato exercem responsabilidade político, econômico, cultural e simbólico.” (p. 16).

Das relações inerentes entre Barreirinha e Boa Vista do Ramos, foi identificada 01 (uma) lancha que realiza 03 (três) viagens por semana. Esta embarcação transporta sobretudo passageiros. Sua utilização se divide essencialmente em dois grupos de indivíduos, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Destino dos passageiros de Boa Vista do Ramos.

Fonte: pesquisa de campo (2019).
Org.: MARINHO, Vinicius, 2019.

Esta mobilidade da população de Boa Vista ocorre, em primeiro lugar, pela procura de serviços bancários, de educação e saúde na cidade de Parintins, uma vez que não há lanchas que realizam o trajeto completo entre essas duas cidades, fazendo com que se utilizem as lanchas que saem de Barreirinha para Parintins. Em segundo lugar, pelo fato de Boa Vista do Ramos possuir apenas um posto de atendimento do Banco Bradesco, com oferta de serviços limitados, enquanto Barreirinha detém uma agência equipada. Assim, há preferência para a resolução de problemas bancários em Barreirinha por ser mais próxima de Boa Vista.

2.2 Entre o rural e o urbano: as relações do interior do município com a cidade de Barreirinha

Para identificar as relações de Barreirinha com parte de sua zona rural, foram consultadas 02 (duas) embarcações, ambas tendo como destino a cidade de Barreirinha.

Sendo assim, o barco 4 vem do distrito de Cametá do Ramos localizado neste Paraná, descrito em seu nome. Segundo o proprietário da embarcação,

seus passageiros não são provenientes apenas deste distrito, mas de outras comunidades situadas as margens do Paraná do Ramos que não possuem embarcações que façam esta linha até Barreirinha.

Já o barco 5 pertence ao distrito de Freguesia localizado do rio Andirá. Este já não faz nenhuma escala em outras comunidades e esta é outra diferença funcional entre essas duas embarcações, além dos seus pontos de partidas e quantidade de passageiros e mercadorias transportadas.

Existem semelhanças nos tipos de produtos e mercadorias transportadas e principalmente no que diz respeito a utilização dessas embarcações por seus passageiros, bem como nos períodos em que esta quantidade aumenta, como mostra a tabela 4.

Tabela 4 – Fluxo de mercadorias e passageiros entre Barreirinha, o Ramos e o Andirá.

	Barco 4	Barco 5
Destino	Cametá do Ramos	Freguesia do Andirá
Média de passageiros	15 a 20 por dia	10 a 15 por dia
Média de mercadorias	80 a 100 volumes por dia	50 a 70 volumes por dia
Período em que a média aumenta	Final do mês	Final do mês
Produtos que mais chegam na cidade	Produtos da agricultura familiar	Produtos da agricultura familiar
Produtos que mais saem da cidade	Bebidas, frios e congelados, cereais, ovos.	Bebidas, frios e congelados, cereais, ovos.
Motivos que trazem esses passageiros	Serviços bancários e de saúde oferecidos pela cidade e venda de seus produtos	Serviços bancários e de saúde oferecidos pela cidade e venda de seus produtos

Fonte: pesquisa de campo (2019).
Org.: MARINHO, Vinicius, 2019.

Podemos então constatar a existência de um padrão na quantidade de passageiros vindo do interior do município para a cidade de Barreirinha durante as três primeiras semanas do mês, porém foi revelado que essa quantidade chega a dobrar durante a última semana do mês. Este fato ocorre pelo deslocamento feito por indivíduos até a cidade de Barreirinha onde estes vêm à procura de serviços de saúde e bancários como recebimento de benefícios sociais, tais como Bolsa Família e os funcionários públicos da esfera municipal e estadual, seus proventos.

Neste período, alguns produtores rurais se aproveitam desta mobilidade que os trazem à cidade e vendem farinha, cheiro-verde, quiabo, coentro, pimenta, macaxeira, cará, banana, etc. agrupados no que identificamos como produtos da agricultura familiar.

Esta comercialização de produtos rurais neste período não pode ser tomada como regra geral. Pelo contrário, há periodicamente o abastecimento das feiras da cidade por esses produtos. O que ocorre é o aumento da quantidade de tais durante o período de maior movimentação na cidade.

A respeito disso, foi implementado pelo poder público municipal a Feira do Produtor do Rural que acontece todos os meses em um dos seus últimos dias. No entanto, verificamos a existência de uma inferioridade na oferta de produtos rurais pela cidade frente ao fluxo intenso de produtos industrializados para as áreas rurais.

Sposito (2008) afirma que as cidades antigas apenas absorviam o excedente agrícola, entretanto hoje a cidade não só absorve esse excedente como também o transforma e redistribui para o campo em outras formas. Esta transformação é representada pela superioridade dos produtos industrializados como, majoritariamente, a salsicha, calabresa, frango e o refrigerante que são enviados para o interior do município de Barreirinha. Quanto a isso Lefebvre (1991) chama de assalto da sociedade pela urbanização.

Todavia, Nunes (2008) explica que mesmo com o campo promovendo certa força produtiva, a compensação agrícola não dispõe de estrutura e porte que concorra com a rápida e intensa industrialização exercida pela cidade. Para isso Jesus (2000) desperta como uma luta desigual.

Este processo conduz tanto à permanência da baixa produtividade imposta à agricultura familiar causada pela negação dos incentivos de crescimento econômico, quanto ao consumo deliberado de produtos industrializados por parte dos moradores das áreas rurais. Há portanto, a quebra dos hábitos alimentares dessas populações.

No entanto, poderes como o municipal e estadual possuem funções importantes para a reavaliação deste quadro que foge à regra, mas que na superficialidade dos seus projetos continuam a negligenciar o cerne da necessidade deste setor agrícola.

Contudo, Spósito (2008) aborda a cidade e o campo como espaços indissociáveis, pois o modo de produção capitalista não produz cidades de um lado e o rural do outro, pelo contrário, esta produção diz respeito a um conjunto, com uma articulação intensa entre estes dois espaços. Sendo assim, para que haja este fluxo de pessoas e mercadorias para o interior do município, é preciso que se abasteça primeiramente a cidade.

2.3 O centro da cidade e a reprodução das relações econômicas

De acordo com Corrêa (2003), tendo em vista o grande papel da dinâmica de acumulação capitalista em produzir e reproduzir a sociedade, fica possível compreender que a cidade é um espaço propício para a ocorrência de um leque de processos sociais. Estes processos criam formas espaciais que constituem a organização espacial urbana.

Sendo assim, as relações econômicas obtidas a partir das redes tecidas entre Barreirinha, as comunidades rurais e outras cidades, estabelecidas através de seus dois portos (Paraná do Ramos e Pucú), resultam nos fluxos de pessoas e mercadorias e que, assim, ganham forma no centro comercial da cidade.

Por isso consideremos este centro como uma forma espacial que reproduz a dinâmica econômica de Barreirinha. Para tanto, segundo Corrêa (2003),

[...] atividades como a produção e venda de mercadorias, prestação de serviços diversos ou uma função simbólica, se acham vinculadas aos processos da sociedade. Estes são, por sua vez, o movimento da própria sociedade, da estrutura social, demandando funções urbanas que se materializam nas formas espaciais. Formas essas que são socialmente produzidas por agentes sociais concretos (p. 10).

Deste modo, ainda de acordo com Corrêa (2003), obtemos a materialização da área central como forma espacial socialmente produzida e pode ser conceituada como área de concentração das principais atividades comerciais, de serviços, de gestão e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos.

Entretanto, Sposito (2001) sugere que a produção da centralidade não deve ser entendida apenas pela localização das atividades comerciais e de serviços,

mas deve ser estudada a partir das relações entre essa localização e os fluxos que ela gera e que a sustentam. Os fluxos permitem a apreensão da centralidade, porque é através dos nódulos de articulação da circulação intra e interurbana que ela se revela (p. 238).

Há, portanto, um processo de circulação de mercadorias que evidencia os nós da rede, pois as embarcações que arranjam a rede com Manaus e Parintins abastecem a cidade de Barreirinha com mercadorias possibilitando os fluxos para o interior que por sua vez, nesta circulação, intensifica a importância do centro comercial para a economia de Barreirinha.

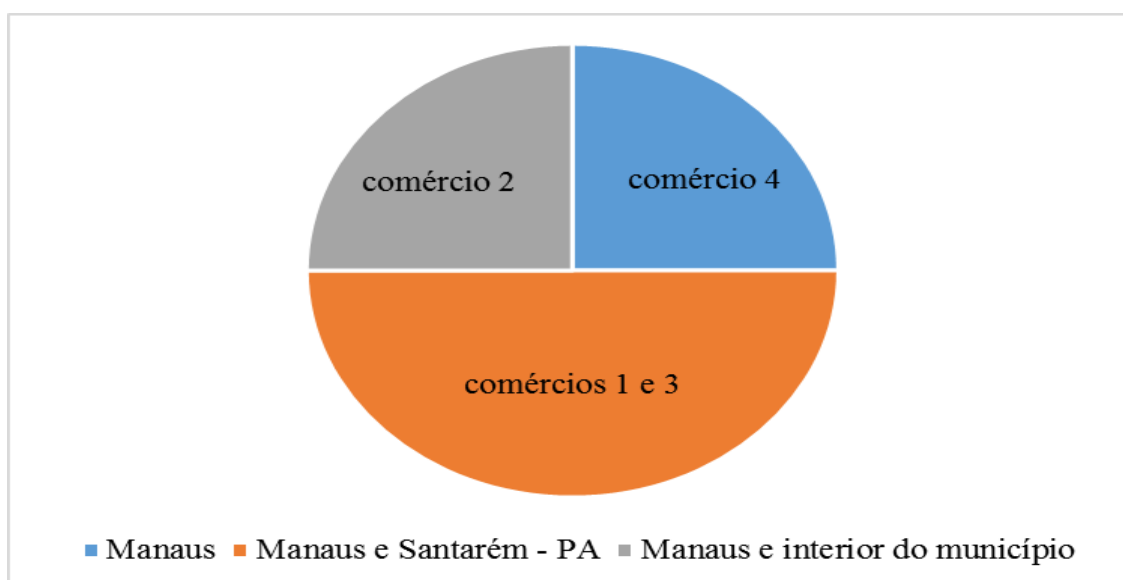
De qualquer forma, o processo histórico de produção da cidade associada a essas subjetividades das centralidades resultou no que identificamos como a área central de Barreirinha. O centro comercial de Barreirinha, localizado na Zona Norte, se estende por três quarteirões a partir da orla do Paraná do Ramos. Nesta área se concentram agências bancárias, lojas de variedades, eletrodomésticos, confecções, consultório médico, restaurantes, hotéis, feiras e os maiores comércios varejistas da cidade.

Para a investigação a respeito da dinâmica econômica exercida pelo centro comercial foram consultados quatro principais comércios varejistas de

Barreirinha, todos localizados no centro da cidade. As questões norteadoras podem ser descritas como os tipos de produtos mais comercializados, a origem desses produtos (gráfico 2), de onde procedem seus principais consumidores e seus perfis econômicos, os períodos em que ocorre o aumento das vendas e a influência da enchente sobre elas.

A partir disto, analisando o fluxo de produtos industrializados para a área rural do município, verificamos que está intimamente associado ao que 100% dos comércios relataram na principal venda de produtos como cereais (arroz e feijão), frios e congelados (frango, calabresa e salsicha), frutas e verduras (batata, repolho, tomate, cenoura, etc.), café, leite, açúcar, macarrão, e ovos.

Gráfico 2 – Cidades fornecedoras de mercadorias.



Fonte: pesquisa de campo (2019).
Org.: MARINHO, Vinícius, 2019.

Desta forma, os comércios 1 e 3 dizem ser abastecidos por mercadorias vindas de Santarém – PA, mas que possui Parintins como porto de embarque, o que acaba por nos assegurar da rede existente para além da fronteira do Estado.

Os dados do IBGE (2017) apontam que o salário médio mensal em Barreirinha era de 1.8 salários mínimos e que a proporção de pessoas ocupadas era de apenas 3% em relação a população total, o que equivale a 954 pessoas. Contudo, na consideração dos rendimentos mensais de até meio

salário mínimo por pessoa, havia 53% da população vivendo com essa rentabilidade.

De qualquer maneira, inicialmente foi identificado que esses comércios se localizavam todos na mesma rua o que pressupunha a existência de uma acirrada concorrência entre eles. Entretanto, se todos eles possuem os funcionários públicos como clientes em comum, os comércios 3 e 4 disseram ter como maioria de clientes os funcionários da iniciativa privada e residentes da cidade.

Já os proprietários dos comércios 01 e 02 revelaram ter como principais consumidores também os trabalhadores autônomos. Além disso, descrevem que a maior parcela desses clientes residem na área rural. Acreditamos que a este fato se associa a localização dos dois comércios, pois estão mais próximos à orla onde atracam os barcos em que esses clientes chegam.

O que queremos demonstrar com este cruzamento de dados é que a reprodução e estabilidade desses comércios é sustido através das influências que eles exercem sob populações urbana e, principalmente, a rural e assim reciprocamente.

Figura 4 – Rua Laureano Tavares. Meados do mês de Junho de 2019.



Fonte: pesquisa de campo, junho de 2019.

Sobre isso, podemos ainda analisar os números populacionais. De acordo com o IBGE, em 2010 a população urbana de Barreirinha era de 12.418 pessoas, enquanto a população rural contabilizava 14.937 pessoas. Esta superioridade populacional do rural adicionada ao seu descolamento provoca na cidade uma movimentação de pessoas na última semana do mês que não se pode observar durante o resto do mês (figura 4). Podemos correlacionar a este fato o aumento das vendas nos finais de mês revelados por todos os comércios pesquisados.

Por isso é importante revelar que Barreirinha, assim como todas as cidades, possui uma dinâmica temporal própria que coordena suas relações econômicas. Para esta ponderação, Santos (2014) diz que, “em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos” (p. 159). Isso quer dizer que algumas atividades econômicas como o comércio varejista, atacadista e serviços bancários, por exemplo, ganham pulso durante o início da semana e nos finais de mês.

A fundação da cidade de Barreirinha numa área de várzea designou a ela o relacionamento íntimo com as águas. Por isso apresenta um período em que, dependendo do nível das águas no ápice da enchente, parte da cidade fica inundada por 04 meses. Para isso, averiguamos a influência da sazonalidade do rio nesses comércios.

Assim, os comércios 2, 3 e 4 relataram sofrer diminuição em suas vendas. No detalhamento das informações, alegaram que seus comércios trabalham com o serviço de entrega à domicílio e por isso, no período da enchente muitas ruas ficam submersas, o que dificulta a realização desse serviço.

Porém, o comércio 1 diz não sofrer influência deste período e que isto ocorre porque a maior quantidade de seus consumidores é proveniente do interior do município e por este comércio estar localizado na margem do Paraná do Ramos, havendo assim a facilidade de acesso entre o comércio e as embarcações dos seus consumidores.

Feita a identificação dos fluxos de mercadorias e pessoas, resta agora a verificação do vigor da cidade de Barreirinha no que diz respeito às relações com as cidades ao seu entorno e outras mais distantes, bem como sua firmação na rede urbana do Amazonas e inserção nas redes mundiais de comunicação.

3. A IMPORTÂNCIA DE BARREIRINHA PARA A REDE URBANA DO AMAZONAS

Por um longo período a rede urbana brasileira foi caracterizada pela baixa diversidade funcional dos seus centros, como se à eles se estabelecessem finalidades únicas imutáveis. Assim, a divisão territorial do trabalho era dada pelos centros mais importantes da rede (CORRÊA, 1997).

Ainda de acordo com Corrêa (1997), até 1960 a rede urbana amazônica apresentava um padrão espacial dendrítico, que pressupõe a organização das cidades a partir da hierarquização. Porém, as transformações introduzidas na Amazônia nos anos de 1970, ofereceram maior complexidade a rede urbana e novos padrões espaciais não mais restritos apenas as redes fluviais.

Assim, padrão espacial e complexidade funcional são correlatos, indicadores de um processo de transformação da sociedade e de sua organização, da qual a rede urbana é uma de suas mais importantes manifestações e condicionantes (CORRÊA, 1997, p. 99).

Esta nova configuração está expressa nas redes de informações e telecomunicações que possibilitaram a inserção das pequenas cidades da Amazônia na conectividade mundial. Por isso, encontramos em Barreirinha sistemas de telefonia móvel e de internet, mesmo deficiente, mas cada vez mais diversificados e abrangentes.

Santos (2014) ressalta ainda que a difusão dessas redes é parte do resultado e marco na evolução do período técnico-científico-informacional, pois “tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos” (p. 266). Assim, a perspectiva proposta é tratar com importância as redes informacionais que conectam Barreirinha tanto com as próprias cidades da rede urbana da Amazônia, quanto com os sistemas globais.

3.1 A consolidação de Barreirinha em rede intra e interestadual

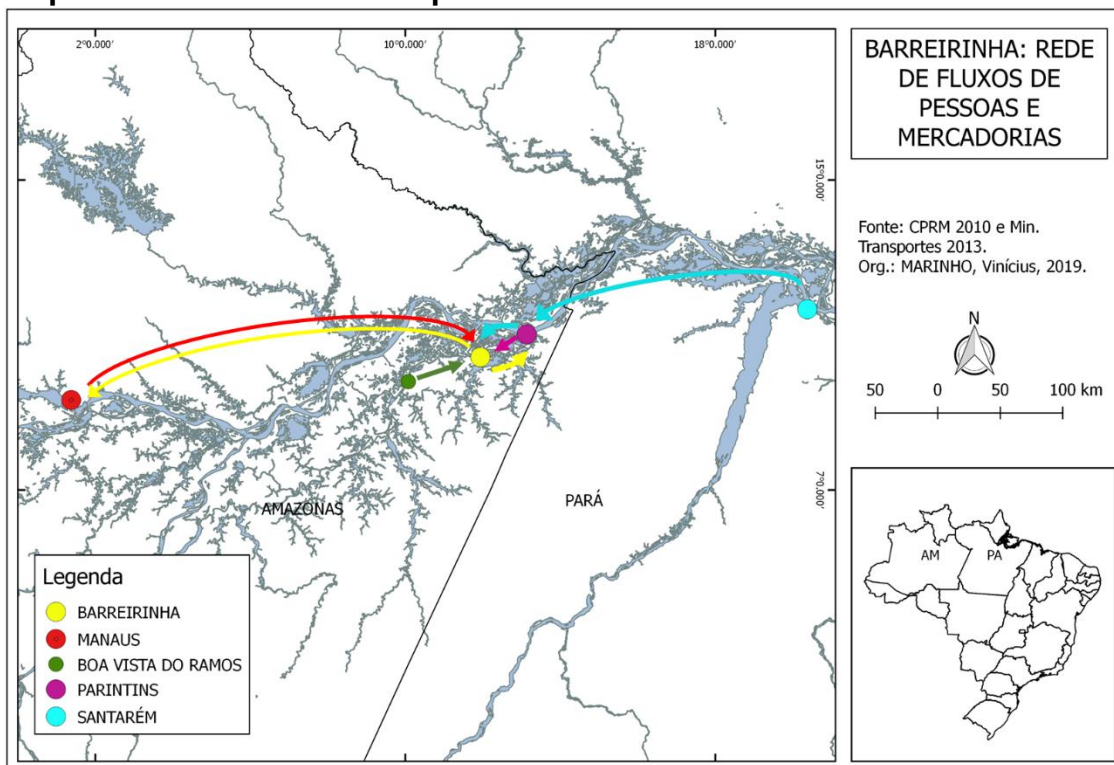
Por assim buscar base nestas inovações é que se indica o estabelecimento de Barreirinha como nóculo sólido e importante em uma rede urbana concreta. Para tanto, Corrêa (1997) nos afiança que

a posição de cada centro na hierarquia urbana não é mais suficiente para descrever e explicar a sua importância na rede de cidades. É necessário que se considere suas especializações funcionais, sejam industriais ou vinculadas aos serviços, muitos dos quais criados recentemente (p. 100).

A ideia é transparecer a consolidação de Barreirinha na rede urbana mesmo quando não existe uma especialização industrial, por exemplo, ou quando sua posição na hierarquia de localidades não aparenta transmitir expressividade.

Aí então que a diversidade dos padrões espaciais das redes, juntamente com esta dita complexidade, nos asseguram da importância das redes estabelecidas entre Barreirinha e outras cidades. O mapa 3 ilustra estas redes de fluxos, suas origens, seus destinos, bem como as mutualidades existentes.

Mapa 3 – Rede de fluxos de pessoas e mercadorias



Fonte: pesquisa de campo, Agosto de 2019.
Org.: MARINHO, Vinícius, 2019.

Assim, a rede entre Barreirinha e Boa Vista do Ramos não destaca uma ou outra como centro urbano superior ou mais desenvolvido, mas, em linhas gerais, possuem semelhanças entre si, justificadas pela classificação de ambas como cidade pequena. Porém, o fato é que Barreirinha exerce uma importante função de fornecedora de serviços, mesmo sendo apenas o bancário.

Da mesma forma, as relações verificadas entre Barreirinha, Parintins, Manaus e Santarém se constituem, por si só, vitalidades de uma rede já estruturada. Isto ocorre porque os fluxos existentes entre as referidas cidades sustentam esta rede, tendo em vista que a constituição dela, segundo Lefebvre (2006), está pautada na existência de fluxos.

Deste modo, os fluxos intensos de mercadorias e principalmente de passageiros entre Parintins e Barreirinha não denotam a ideia de dependência por parte de Barreirinha, mas mostram a função de cada cidade e, logo, a própria rede consolidada. Para isso contamos com Lefebvre (2006) que esclarece que as mercadorias só se desencadeiam através da circulação e das redes sendo, por conseguinte, instaladas pelas funcionalidades dos centros.

De qualquer maneira, processos espaciais urbanos geram a função e tipologia de Barreirinha e por isso apresenta especificidades. Sendo assim, a procura por serviços em Parintins e Manaus faz parte das funcionalidades específicas dos centros que compõem a rede.

Se de um lado existem as novas maneiras de classificar os centros da rede, de outro a permanência dos padrões hierárquicos continuam nos assegurando da importância de Barreirinha. Verificamos isto quanto a existência do fluxo de mercadorias que partem de Manaus para Parintins e daí para Barreirinha.

Podemos aplicar a mesma análise na relação com a cidade de Santarém, Estado do Pará. No entanto, deve-se sempre ter em mente que esta rede acaba por se estabelecer para fora dos limites do Estado do Amazonas, partindo com os fluxos da produção hortifrutigranjeira de Santarém, tendo Parintins como nóculo de intercessão e Barreirinha como destino.

É neste contexto que se insere a importância de Barreirinha para com as comunidades no interior do município, bem como na continuação das redes de pessoas e mercadorias que se inicia nos centros maiores. É desta forma que o deslocamento das pessoas da área rural para a cidade de Barreirinha nos finais de meses apontam, sobretudo, para a função de Barreirinha como nóculo urbano fornecedor de serviços bancários, de saúde e de comércio.

Portanto, tais verificações oferecem parte do suporte para tratar Barreirinha como centro consolidado na rede urbana do Amazonas, não porque dispõe de produtividade industrial ou setores de serviços especializados, mas por ser nó em uma rede de fluxo de pessoas e mercadorias, que possui o rural como destino. A outra parte do apoio são dados brutos e, em seguida, analisados.

3.2 Dados econômicos como indicadores da importância de Barreirinha

Esta verificação da importância é possível graças a existência de fatores decisivos da própria construção histórico-geográfica da cidade agregados ao

seu modo de reprodução social e econômica. Se esclarece que essa reprodução não necessariamente é excepcional à Barreirinha, pois no Amazonas há outras cidades que detêm a dinâmica das águas inseridas em si, como o caso de Anamá, localizada no rio Solimões.

No entanto, a tarefa é demonstrar esta reprodução através de indicadores econômicos tão diminutos em comparação com outras cidades do Brasil e mesmo do Amazonas, no intento de utilizar esses dados em favor da verificação desta importância de Barreirinha.

Assim, segundo o IBGE (2017), o PIB de Barreirinha no ano de 2016 foi pouco mais de R\$ 219 milhões, dos quais 72% foram provenientes de atividades econômicas como serviços, administração, educação, saúde pública e seguridade social, enquanto 23,5% corresponderam a produção agropecuária.

De início, se observa que a reprodução econômica de Barreirinha está intimamente ligada aos setores do comércio, do funcionalismo público e dos benefícios governamentais devidamente identificados na pesquisa. No setor agropecuário, nota-se baixa a produção também observado antes. Entretanto, trata-se de uma produção bastante local que possui capacidade apenas para atender a população do município.

No topo do ranking do estado estão as cidades de Manaus e Itacoatiara com o PIB na casa dos R\$ 70 bilhões e R\$ 2 bilhões respectivamente, enquanto Barreirinha ocupa a posição 27° de 62°. Com isto fica evidente a baixa contribuição de Barreirinha para o Estado se tomarmos somente o quesito Produto Interno Bruto como determinante.

Entretanto, ainda de acordo com o IBGE (2017), o total da receita do município contabilizou quase R\$ 74 milhões, enquanto as despesas calcularam pouco mais de R\$ 61.000.000, gerando um saldo de aproximadamente R\$ 13.000.000. No contexto desses números, os repasses das verbas da União e do Governo do Estado para Barreirinha foram de R\$ 25.872.000 e R\$8.475.000, respectivamente.

No geral, a receita indica que o município dentro de suas dimensões econômicas e espaciais possui autonomia para a sua própria reprodução, mesmo que isso pressuponha sobretudo a injeção de verbas dos governos.

Na verdade, a configuração da reprodução econômica do Amazonas não permite que outras cidades do seu interior obtenha expressividade na contribuição do PIB do estado. Decerto, Manaus, pela produtividade industrial da Zona Franca, é isoladamente a maior contribuinte. Esta é uma das facetas da peculiaridade econômica do Amazonas.

Desta forma, é evidente que na observação do contexto macro a (re) produção econômica de Barreirinha ou de outra cidade não possui dimensões para gerar impactos negativos na economia bastante centralizada do Amazonas. No entanto, não queremos incorrer ao erro de taxar Barreirinha como um núcleo sem importância. Pelo contrário, ao adotarmos categoricamente as redes em que Barreirinha está inserida, veremos o valor e a contribuição que ela tem através dos fluxos de mercadorias e pessoas, tanto para com as outras cidades da rede quanto para as comunidades de sua área rural.

Portanto, existe de fato uma movimentação econômica que reproduz a cidade de Barreirinha dentro do Amazonas, mas são as redes em que ela está inserida que fornecem sua estabilidade. No entanto, deve-se sempre ter em pensamento que se trata de uma cidade dinamizada pelo regime das águas e por isso possui especificidades do cenário amazônico.

3.3 A dinâmica das águas e a reprodução de Barreirinha

Para tanto, pretende-se agora traçar as ponderações que permitem a Barreirinha esta reprodução mesmo sendo influenciada pela sazonalidade do Paraná do Ramos. Neste sentido, Mello (2002) revela que

é o regime das águas condicionando e transformando a vida do homem amazônico ao longo das etapas do ano. Em qualquer lugar do Amazonas. Não só no interior das florestas, nas beiras dos rios. Também nas cidades e nos principais centros da

região - o homem sofre efeitos, generosos ou adversos da subida ou da descida das águas [...] O regime das águas é um elemento constante no cálculo da vida do homem. Porque são também ciclos econômicos (p. 27).

É indiscutível que as águas afetam a vida dos moradores de Barreirinha, no entanto cabe verificar se esse processo sazonal incide de maneira negativa ou positiva na dinâmica econômica da cidade, bem como na alteração do cotidiano das pessoas.

Em razão disto, Mesquita e Muniz (2015) defendem que a enchente causa a quebra de atividades econômicas importantes, principalmente aquelas tidas como trabalho informal, caso dos tricicleiros, moto-taxistas e pedreiros. Desta forma,

o regime das águas vem condicionando o modos de vida [...], onde os moradores agora acompanham o processo sazonal do rio, em que no período em que o lugar não está cheio, são realizadas suas atividades profissionais normalmente, com a chegada das águas tudo se torna difícil e impossível para os moradores que dependem dessas atividades para permanecer, nessa nova realidade e no seu lugar de vivência (MESQUITA; MUNIZ, 2015, p. 9 – 10).

Além destas atividades, são afetadas diretamente também as escolas onde as aulas são paralisadas, pela inviabilidade do acesso seguro dos alunos. Por isso, de acordo com Ribeiro e Carneiro (2016), essas escolas acabam por servir de abrigo para as famílias que tiveram suas casas inundadas.

Também neste período a qualidade de vida da população obviamente cai, pois aumenta a quantidade de caso de doenças pelo contato com a água contaminada e o risco de animais peçonhentos. Então “se pode notar mudanças estruturais diversas: na área da educação, na saúde pública, nas habitações, na geração de trabalho e renda, além dos impactos no ambiente como a poluição dos rios e acúmulo de lixo” (RIBEIRO; CARNEIRO, 2016, p. 8).

Sendo assim, podemos tomar como variável essas alterações ocorridas e associar ao Índice de Desenvolvimento Humano do Município. Para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o IDHM de Barreirinha foi

classificado como baixo em 2010, ano posterior ao da maior enchente da história. Se esclarece que para esta classificação são utilizados os itens longevidade (saúde), educação e renda.

Entretanto, se a cidade sofre alterações pela ação das enchentes e ainda assim consegue se reproduzir, então existe peculiaridades no modo de vida da população de Barreirinha, como mostra a figura 4.

Figura 5 – Rua BH1 Nilo Pereira inundada. Observa-se a mobilidade através das pontes e os comércios funcionando.



Fonte: pesquisa de campo, Junho de 2019.

Deste modo, mesmo com a interrupção de algumas atividades econômicas como os trabalhos informais, podemos dizer que se desenvolveram formas de se adaptar ao período em que parte da cidade fica inundada. Caso das pontes sobre as ruas e a elevação dos pisos das casas e comércios denominada maromba. Sobre esses ajustes, Mesquita e Muniz (2015) descrevem que

nesse sentido adaptar suas moradias tornou-se uma prioridade para os moradores, pois sair de suas casas todo ano por conta de serem inundadas, viver em outro local onde não seja seu, é muito difícil e gera situações de conflito e desconforto. As cheias no decorrer dos anos afetaram tanto o morador no seu lado sentimental como também material, pois suas casas foram todas submersas, aonde os próprios moradores chegaram à conclusão, que teriam que adaptar suas moradias em níveis mais altos, para sua permanência no lugar (p. 14).

Estes autores acabam por nos remeter à importância dos sentimentos, da relação afetiva com o lugar. Assim, as formas de se adaptar ao período da enchente vão além da necessidade de sobrevivência e das avarias materiais, e passam a carregar dentro da dimensão humana o apego ao lugar.

Cabe mencionar, no que tange as iniciativas dos poderes públicos estaduais e municipais, que está em andamento desde o início de 2019 as obras de elevação dos níveis das ruas mais inundadas pelas enchentes.

De qualquer forma, em Barreirinha sempre houve uma relação íntima entre as pessoas e o rio. Logo, a materialidade das coisas pode ser ultrapassada pela dimensão afetiva, mas não excluída da prioridade da população. É desta maneira que a dinâmica econômica e social da cidade é alterada, e então, adaptada, mas nunca encerrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos planos e investimentos para a implementação de rodovias e mesmo para o transporte aéreo na Amazônia, deve-se afirmar sobre a impossibilidade que as diferentes áreas desta região possuem frente ao avanço desses modais. Não havendo alternativas de transportes totalizantes ainda, continua-se então a tecer as redes como sempre fizera. Através dos rios, dentro das embarcações.

É deste modo que a cidade de Barreirinha, por sua localização, constrói e assegura suas relações com o rural, outras cidades e com o mundo. Na verdade, tudo nesta cidade é intercedido pelas águas, assim como suas redes, seus fluxos e sua (re) produção.

No entanto, existem acomodações decorrentes da consolidação de Barreirinha nestas redes, um modo retraído de se reproduzir econômico e socialmente.

Destarte, as redes pautadas nos fluxos de pessoas e mercadorias juntamente com as estatísticas oficiais denotam que a reprodução social e econômica de Barreirinha é estritamente baseada no funcionalismo público, benefícios governamentais e no trabalho informal. Não há planos e projetos para superar esta dependência, o que acaba levando a não especialização da função de Barreirinha como nóculo de uma rede urbana cada vez mais exigente e complexa.

A estabilidade dos comércios varejistas e dos serviços bancários é possível graças à população rural que exerce a influência mais importante para a reprodução da dinâmica da cidade de Barreirinha. Isso é justificado pela mobilidade que essas pessoas possuem sobre a cidade e a consequente movimentação de sua economia.

Potencialidades econômicas para especialização funcional são reais, como no setor agropecuário, onde se tem sobretudo a maioria da população do município vivendo no interior e praticando uma agricultura de subsistência sem

incentivos, e no turismo, no qual se desponta o rio Andirá com capacidade atrativa e gerador de renda, mas invisível ao externo.

Do mesmo modo, as negligências afetam até os fixos a partir do qual se estabelecem as redes importantes para a reprodução socioeconômica barreirinhense. O fato é que há uma espécie de valorização estratégica do Paraná do Ramos pelo donos de embarcações que se apropriam desses espaços. Isso ocorre porque a beira do Ramos ao menos possui infraestrutura mínima e precária, frente a total desvalorização do porto do Pucú por parte da falta de iniciativas do poder público.

De qualquer maneira, buscar compreender a dinâmica de uma cidade a partir de suas relações se torna uma tarefa que envolve não apenas as análises de dados, fluxos e indicadores. Mas ao se tratar de Barreirinha, acabamos por nos ater à dimensão do humano como ser social, afetivo e (re) produtor do espaço.

Destacamos a isto o fator da dinamicidade das águas, pois esta pesquisa revelou que mesmo uma cidade como Barreirinha que está sob influência da sazonalidade do rio, pode se reproduzir à maneiras peculiares, mas que garantem, além de tudo, sua consolidação e inserção em diversas redes de cidades.

Enfim, por se tratar da verificação da dinâmica espacial socioeconômica, fica evidente que este estudo não se encerra com esses resultados. É necessário que se investigue outros agentes (re) produtores do espaço urbano de Barreirinha, levando em conta as dimensões temporais inerentes ao processo de produção espacial.

REFERÊNCIAS

BALBIM, Renato (Org.). **Cidade e Movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano**. Brasília: IPEA, 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática. 2003.

_____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DAVID, Robert Carvalho de Azevedo. **A dinâmica do Transporte fluvial de passageiros no estado do Amazonas**. Manaus: UFAM, 2010.

DIAS, L. C. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Cultura caboclo-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social Do Espaço**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

GOMES, Rita de Cássia. Buscando compreender as pequenas cidades. In: OLIVEIRA, José Ademir (org.). **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

IDHM. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2010)**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>> Acesso em 25 de Novembro de 2019

IBGE. **Cidade de Barreirinha (2017)**. Disponível em: <<http://www.ibge.com.br>> Acesso em 31 de Abril de 2019.

JESUS, Cláudio Portilho de. **Utopia cabocla amazonenses: agricultura familiar em busca de uma economia solidária**. Ed. ULBRA, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A Produção do Espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006

_____. **O direito à Cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIMA, Marcos C. de. **A Cidade, O Urbano E O Rio Na Amazônia**. Revista ACTA Geográfica, ANO II, nº3, 2008.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, Pátria da Água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MESQUITA, Gerson dos Santos; MUNIZ, Charlene Maria. **Lugar e modos de vida dos moradores do bairro Ulisses Guimarães - Barreirinha/AM: um estudo das adaptações no período das cheias do rio Paraná do Ramos**. 2015.

NUNES, Brasilmar Ferreira. A interface entre o urbano e o rural na Amazônia brasileira. In: CASTRO, Edna (Org.). **Cidades na Floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

OLIVEIRA, José Ademir de. **A Cultura nas (das) Pequenas Cidades da Amazônia Brasileira**. Universidade de Coimbra, 2004.

_____. **Cidades na Selva**. Manaus: Editora Valer, 2000.

PRANCE, Ghilleen T. **A terminologia dos tipos de florestas amazônicas sujeitas a inundação**. Acta Amazônica 10(3): p. 495-504, 1980.

PEREIRA, Henrique dos Santos. A dinâmica da paisagem Socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C (Orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

ROSS, Jurandyr. **Geografia do Brasil**. 4^o Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

RIBEIRO, Patrício; CARNEIRO, Kassia. **A dinâmica da enchente e vazante no município de Barreirinha/AM: impactos socioambientais e a intervenção das políticas públicas**. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, janeiro –junho, p. 114 – 127, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4^a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SHOR, Tatiana. **As cidades invisíveis da Amazônia brasileira**. Mercator, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 67-84, mai./ago. 2013.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas cidades: uma revisão do tema. In: OLIVEIRA, José Aldemir de (org.). **Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SOUZA, José Camilo Ramos de; ALMEIDA, Regina Araújo de. **Vazante e Enchente na Amazônia Brasileira: impactos ambientais, sociais e econômicos**. In: Anais do VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física e II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física. 127. Coimbra: Universidade Coimbra, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____ (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente, 2001.

ANEXOS